



Marlysson Costa*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação estabelecida por Jean Paul Sartre (1905–1980) entre filosofia e literatura. Para o filósofo francês, tanto o campo filosófico quanto o literário são autônomos e não se encontram de forma simples, mas devemos assumir a relação. Esclarecendo o encontro entre os dois campos, almejamos, dessa forma, elucidar alguns dos conceitos sartreanos que permeiam essa junção. Desse modo, elucidaremos a *separação de direito* em ambos, mas também, a *junção de fato* das duas narrativas. Para Sartre, essa relação vem de dois pontos fundamentais: necessidade e complementariedade. Por fim, é necessário esclarecer o que o filósofo francês almeja realizar estabelecendo um encontro entre dois campos independentes que acabam se relacionando e possuindo um papel chave no mundo.

Palavras-chave: Filosofia Literatura. Relação. Sartre.

The relationship between Philosophy and Literature in Sartre

ABSTRACT

The present work aims to understand the relationship established by Jean Paul Sartre (1905–1980) between philosophy and literature. For the French philosopher, both the philosophical and literary fields are autonomous and do not meet in a simple way, but we must assume the relationship. Clarifying the encounter between the two fields, we aim, in this way, to elucidate some of the Sartrean concepts that permeate this junction. In this way, we will elucidate the separation of law in both, but also the de facto joining of the two narratives. For Sartre, this relationship comes from two fundamental points; necessity and complementarity. Finally, is necessary to clarify what the French philosopher aims to accomplish by establishing a meeting between two independent fields that end up relating and playing a key role in the world.

Keywords: Philosophy. Literature. Relationship. Sartre.

Introdução

Através de *As palavras* (1970), obra considerada como uma espécie de autobiografia de Sartre, percebemos que o autor constrói desde cedo uma relação de muito gosto pela literatura: “fui preparado desde cedo para tratar a literatura como uma paixão” (Sartre, 1970, p. 33). Isso se deu por influência de um outro amante literário, seu avô Charles Schwitzer que, inclusive, foi por muito tempo considerado um dos grandes intelectuais da França no século XIX.

Nessa obra é exposta quase toda a trajetória de vida do filósofo francês, desde a infância até o seu envolvimento fascinante pela escrita. O livro traz recordações das vivências do pequeno e do jovem Sartre, em especial de sua relação primária e desde então fundamental com a literatura, tal como ele próprio dizia “comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida, no meio dos livros” (Sartre, 1970, p. 31).

Ainda por motivação de seu avô, Sartre, por volta dos 20 anos, começa a escrever contos aos quais chama de *Caderno de Romances*, mas acabou achando as histórias, em primeira instância, um tanto infantis, encontrando vários erros ortográficos no fim de sua escrita. Todavia, em meio a essa frustração, o filósofo francês notou uma única coisa que se tornou fundamental para toda sua vida: reconheceu que escrevendo ele existia. Entendeu que para reaparecer e ser útil no mundo seria necessário realizar uma única atividade, a da escrita. “Foi nos livros que encontrei o universo: assimilado, classificado, rotulado, pensado e ainda temível” (Sartre, 1970, p. 33). A única zona de teto, amparo e segurança achada pelo autor foi no mundo da escrita.

Há, como veremos, uma relação histórica do autor com a filosofia e com o plano literário. Mas antes, no contexto Pós Segunda Guerra Mundial, em 1947, o mundo vivia uma reconstituição após a mancha colocada pelo Nazismo e o Fascismo. Toda a Europa passava por um reparo profundo na tentativa de recuperar o que aquele conflito causou. Sartre percebe, nesse cenário, que a sociedade, a partir desse momento obscuro, começou a se questionar sobre os valores que eram seguidos e no que poderiam se amparar depois da tremenda ruína instalada no mundo. É justamente nessas circunstâncias que o existencialista se pergunta como a literatura

poderia transformar, ou melhor, desvelar o mundo. As produções literárias, nesse tempo, se limitavam a corresponder somente à classe burguesa.

No século XVIII, a burguesia começa a se favorecer da literatura para a criação e o fortalecimento dos seus valores comportamentais. Nesse cenário, o escritor trabalha unicamente para a classe burguesa, fazendo uma espécie de divulgação de seus costumes, falando da classe como uma essência da natureza. É só em meados do século XX que isso se modifica, pois com os direitos sendo conquistados pela humanidade e com os cidadãos começando a participar ativamente da vida social, as classes iniciam uma maior interação. Nesse mundo sombrio Pós-Guerra, a função da literatura é colocada em questão. O autor, a partir daqui, defende a necessidade de “a literatura tornar-se ela por ela mesma” (Sartre, 1993, p. 43). Ou seja, que ela deveria ser plena. E isso, de fato, se concretiza, pois a literatura torna-se livre e autônoma para exercer sua função no mundo.

Filosofia e Literatura em Sartre

Tomando como compreendido o contexto e a historicidade do campo literário, o autor, na obra *Que é a literatura?* (1993), baseia o problema posto no decorrer do livro em três questionamentos: O que é escrever? Por que escrever? Para quem escrever? Todas as questões são respondidas de maneira muito objetiva. No que diz respeito à primeira, o filósofo francês exorta que a atividade da escrita corresponde a uma ação que faz os indivíduos participarem do mundo e, conseqüentemente, se posicionarem, pois os seres humanos precisam ser engajados na realidade através da escrita. Isso acaba respondendo a segunda questão, visto que “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propor como tarefa a generosidade do leitor [...] o mundo só se revela na ação” (Sartre, 1993, p. 36). Acerca da última questão, o filósofo francês diz que escreve para pessoas situadas em seu tempo, para indivíduos de sua época, isto é, escreve para os seus contemporâneos.

Em princípio, quando se fala da relação entre filosofia e campo literário, observamos que há uma diferenciação. Nesse sentido, estamos falando de duas modalidades expressivas que são autônomas, de modo que cada uma dá conta do que foi designada a cumprir. A comentadora Thana Mara de Souza manifesta a

seguinte concepção: “Não se trata em nenhum momento de identificar a literatura como filosofia. O tempo todo Sartre fala das diferenças no uso da linguagem, mas também não se trata de estabelecer uma diferenciação absoluta entre filosofia e literatura” (Souza, 2008, p. 150). O literato, quando escreve, dirige a escrita para sujeitos situados numa história, no plano refletido. Já o filósofo, quando escolhe seu tema, realiza sua escrita para sujeitos universais.

A literatura aqui descreve as ambiguidades e as complexidades do indivíduo por meio da linguagem, mostra a densidade concreta do vivido, e a filosofia torna o vivido consciente por meio de noções e conceitos. É a escrita filosófica quem fala do ser enquanto sujeito objeto. Sartre, numa entrevista dada nos últimos anos de sua vida, foi questionado se tudo que escreveu em sua jornada foi filosófico ou literário, ao que ele respondeu de uma maneira um tanto provocativa: “Eu sou um filósofo? Ou eu sou um literato? Penso que o que eu trouxe desde minhas primeiras obras é uma realidade que é os dois: tudo o que escrevi é, ao mesmo tempo, filosofia e literatura” (Sartre, 1997, p. 380).

Franklin Leopoldo e Silva classifica essa relação como *vizinhança comunicante*. “Com isso queremos dizer que a expressão filosófica e a expressão da literatura são ambas necessárias em Sartre, pois é por meio delas que ele diz e não diz as mesmas coisas” (Leopoldo e Silva, 2004, p. 12). Por isso, não podemos afirmar, por exemplo, que esse encontro se dá de maneira homogênea ou que estamos falando de campos que sofrem de uma insuficiência: muito pelo contrário, como já falado anteriormente, estamos nos referindo a dois campos independentes que acabam se relacionando.

O que temos aqui é uma *sustentação recíproca* (Souza, 2008), onde ambos os campos vislumbram a ambiguidade da existência humana e se deparam com o indivíduo atravessado pelo sentimento de angústia. A *vizinhança comunicante* quer nos dizer que existe, apesar de suas diferenças, um diálogo mútuo entre os planos. Nós devemos pensar esse encontro como uma passagem que se dá internamente.

Isso talvez ajude a esclarecer o que se quer dizer com a expressão vizinhança comunicativa para descrever a relação determinante entre filosofia e literatura. A princípio, não se trata de uma relação extrínseca e suspeitamos que não seja tampouco uma relação de identidade absoluta. A relação de uma a outra se daria por uma espécie de comunicação que, à falta de outro termo, chamaríamos de passagem interna, querendo significar com isso que a vizinhança entre filosofia e literatura é tal que não se precisaria, nem se poderia, sair de uma para entrar na outra, configurando assim dois espaços

contíguos, mas apenas indiretamente comunicáveis, ou seja, em que a passagem de um a outro se daria pela mediação da exterioridade. Pelo contrário, haveria uma forma de passar de um a outro que seria uma via interna, sem que, nesse caso, a comunicação direta anulasse a diferença (Leopoldo e Silva, 2004, p. 13).

Nota-se aqui que há uma *separação de direito* e uma *junção de fato* em relação ao encontro estabelecido entre filosofia e literatura. No que diz respeito à primeira, a separação vem a tratar de coisas distintas, e a segunda vem do ponto de necessidade e complementação. Antes de trabalharmos isso mais a fundo, devemos assumir a relação que Sartre estabelece entre as duas narrativas para um melhor entendimento da realidade humana. Podemos compreender a literatura como uma dimensão narrativa das investigações fenomenológicas de Sartre, o estudo da relação entre existência e mundo.

Assim, a ficção torna-se um meio para compreender o real, pois ela cumpre o papel de investigar a concretude do existir, da consciência de sua situação. À vista disso, quando se pergunta sobre o que a filosofia deveria dar conta, fala-se de uma realidade humana sem abstrações, ou seja, o campo filosófico não pode analisar o real como um aspecto isolado: “a filosofia precisa de uma forma de expressão que dê conta dessa vivência tal como ela é [...] é necessária uma outra linguagem que realmente descreva compreensivamente o modo pelo qual cada homem vive sua condição” (Souza, 2008, p. 153). Nesse sentido, o campo dos conceitos carecia trabalhar a realidade de maneira que pudesse descrevê-la. É daqui que nasce o ponto de junção de fato pela necessidade, e apesar de já sabermos que não há uma hierarquização de um campo sobre o outro, existe na filosofia um comprometimento completo com sua função, todavia, ela não tem a capacidade de falar da realidade de modo que possa descrevê-la.

Por conseguinte, entendemos que a filosofia necessita da literatura para a retratação dos conceitos e o campo literário necessita da filosofia para a conceitualização da representação do indivíduo ficcional com a realidade do indivíduo no mundo. Sartre parte da filosofia para construir e analisar a literatura, mas isso não quer dizer jamais que os romances que o autor escreve são escritos para simplificar os conceitos de sua escrita filosófica. Os dois horizontes se deparam com seres cruzados pela angústia do desejo de construir sua definição, de construir sua essência. Os dois planos aqui operam o desvelamento do mundo.

Thana Mara de Souza, em *Sartre e a literatura engajada* (2008), especificamente no capítulo primeiro da obra onde trata sobre “A especificidade da prosa”, profere a ideia de que Sartre aproxima sua filosofia da literatura com o propósito de descrever o ser humano e não mais explicá-lo. A função do plano literário apresentado pela autora é a exploração totalizadora das possibilidades humanas. É a literatura a única capaz de compreender os indivíduos, de mostrar para todos o mundo concreto, apesar de ambos os campos tratarem desse ser que possui a concretude. Em razão disso, a comentadora diz que se uma dessas formas de conhecimento é capaz de descrever as complexidades da existência através de sua linguagem, a outra torna o ser existente consciente através de suas noções, entretanto, há uma perda na maneira de descrever esse ser em sua totalidade.

Se a prosa necessita da filosofia para conceitualizar seu retrato, a filosofia necessita da prosa para retratar seus conceitos. Se a fenomenologia pode descrever a ontologia da angústia e da liberdade do homem, apenas a literatura é capaz de empreender o esforço para compreender o indivíduo, de descrever o homem como universal concreto. A fenomenologia indica a ambiguidade, a literatura é esta (Souza, 2008, p. 66).

O filósofo francês, em meio a tudo isso, sustenta a ideia de que a prosa, e unicamente ela, precisa ser engajada. O trabalho de Sartre em *Que é literatura?* (1993) é justamente o de estabelecer as principais diferenças entre as artes (prosa, poesia, pintura e música). Mas, antes de entrar nessa discussão, iremos traçar um caminho diferente. Tratemos, em primeiro momento, de elucidar em que consiste o engajamento e a literatura engajada em Sartre e, depois, a distinção entre as artes.

A primeira coisa que precisamos esclarecer é que a ideia de *engajar-se* aqui não significa e não tem vínculo com o plano político, embora Sartre mesmo confesse que ela possa ser utilizada dessa maneira. Sendo assim, o engajamento trazido aqui é o de conscientização da realidade humana. Se até o ato de escrever é engajar-se, “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar [...] o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras” (Sartre, 1993, p. 62). A literatura aqui toma novas rédeas, pois além de demonstrar a densidade concreta do vivido, como tomada de consciência de sua situação existencial, possibilitando compreendê-la e até mesmo

mudá-la, ela pensa o ser engajado nesse mundo, em como ele pode refletir e, conseqüentemente, transformar o real.

Temos que levar em consideração que a concepção de consciência na filosofia sartreana é influenciada por Edmund Husserl (1859-1938). Na obra *Uma ideia fundamental na fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* (2005), Sartre diz que o filósofo alemão afirma que não há como dissolver as coisas na consciência e que “consciência e mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela” (Sartre, 2005, p. 56). Por isso, a ideia de intencionalidade da consciência vem de que o ser e o mundo não são autônomos, são inseparáveis.

A intencionalidade faz com que consciência e mundo formem uma totalidade, pois não há como existir um sem o outro. Não tem como a consciência ser uma consciência do nada, do vazio. Ela só existe por conta da existência das outras coisas, e sendo intencional, torna-se translúcida e transparente, sendo assim, uma consciência espontânea. “Pois afinal de contas tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros” (Sartre, 2005, p. 57).

Esta compreensão nos transporta para outros dois conceitos importantes que são trabalhados em *O Ser e o Nada* (1997): *ser-Em-si* e *ser-Para-si*. O primeiro ser refere-se aos objetos no mundo, sendo eles nada mais do aquilo que já são. Isso significa dizer que sua essência é predestinada a uma utilidade. O Em-si consiste na parte corpórea do ser humano e dos outros diversos objetos. Já o Para-si compete no ser da consciência, é o próprio indivíduo. Podemos compreender que o Para-si é intrinsecamente humano, levando em consideração sua existência temporal, mas ele, ao contrário do Em-si, não tem uma essência pré-deliberada.

O Para-si é toda a existência humana, uma vez que primeiro ele deve existir no mundo, ser ativo na sociedade através de suas decisões e, assim, construir sua essência. O “para-si é o ser que se determina a existir na medida em que não pode coincidir consigo mesmo” (Sartre, 1997, p. 127). Logo, captamos a relevância do Para-si na filosofia de Sartre, porém, sem a união dele com o Em-si, não terá consciência intencional. Só atingiremos uma consciência, apontada por Sartre como intencional, se tivermos a união com o objeto (Em-si). Como o próprio Sartre diz: “contingência perpetuamente evanescente do Em-si que infesta o Para-si e o une ao ser-Em-si, sem

se deixar captar jamais, é o que chamaremos de facticidade do Para-si” (Sartre, 1997, p. 132). Desse modo, a consciência se colocaria como autônoma e sem causalidade, e onde ela não pode ser dada por um ponto determinado, ela é livre.

O autor, por diversas vezes em *O existencialismo é um humanismo* (1973), relata que a noção de liberdade envolve uma responsabilidade radical. Há um compromisso intrínseco do ser com ele mesmo e com os outros, já que o indivíduo não se torna apenas responsável pela sua liberdade, mas também pela liberdade dos outros, tomando aqui, de certa forma, a noção de liberdade no campo das escolhas e tomadas de decisões. Isso é o próprio humanismo na filosofia sartreana. Humanismo esse que se diferencia do humanismo clássico, pois na filosofia de Sartre, como podemos perceber, todos os seres se projetam no mundo e dependem também dos outros indivíduos para se criarem, já que estarão sempre, individualmente, mas também, coletivamente, a se fazerem.

O compromisso é sempre colocado como um fator indispensável para a existência humana. Vale ressaltar, por exemplo, que o próprio filósofo existencialista evidencia que nunca podemos escolher o mal, ainda que “o homem sempre busca o caminho mais viável” (Sartre, 1997, p. 545). Percebemos, então, que não há nada que possa eximir o ser de sua liberdade, sem sua condição de responsabilidade. Contudo, a angústia sentida pelo ser, na verdade, não o faria agir de má-fé? O que precisamos entender é que angústia faz parte da responsabilidade. É essa angústia que insere o indivíduo neste compromisso e não o retira dele.

A noção de má-fé para Sartre refere-se a uma mentira que contamos a nós mesmos, mas que, no fundo, sabemos que é mentira e, além de ser uma tentativa de escapar da condição de angústia (da qual ser nenhum pode fugir), é também a tentativa de deixar que o outro decida no mundo por você. “Não pode se dar o mesmo no caso da má-fé, se esta, é mentir a si mesmo. Para quem pratica a má-fé trata-se de mascarar uma verdade desagradável” (Sartre, 1973, p. 35).

Retomando a discussão sobre engajamento, é a partir de todo esse horizonte que a ética entra em cena e tem grande relevância para a literatura, pois é ela quem faz a mediação para que o ser tome consciência de sua condição de alienado. Ou seja, é a ética que faz com que os seres tomem conhecimento de si e da humanidade. É através do engajamento que o indivíduo consegue tomar posicionamento em

relação a sua existência. É engajado no mundo que ele consegue realizar suas ações e acatar suas responsabilidades.

O ser só consegue fazer a construção de definição e realização de si quando coloca em prática as suas ações, e ele só o cumpre por conta do seu engajamento que, por sua vez, vem de sua condição de liberdade. Portanto, engajar-se é a necessidade de agir, é o desvelar para a realização no mundo. Ele está em cada ato, em cada tomada de escolha, em cada fala e escrita.

Ainda falando sobre a ética, Leopoldo e Silva (2004) considera tal questão imprescindível para a relação entre filosofia e literatura porque é na questão ética que a relação entre as duas se consolida. Se há na realidade humana uma fundamentação na alienação, tornando a sociedade prisioneira de costumes e apartando o ser humano de sua relação com a historicidade, é necessário um exercício que cesse esse problema.

A literatura, portanto, representaria, através de sua escrita, um convite para que o leitor realize uma reflexão autêntica sobre sua situação e perceba seu quadro de alienado. Um ser consciente é aquele que está situado em sua relatividade histórica, é aquele que assume, por meio da literatura, que sua vida histórica é sempre existência situada. Além da prosa, isso só se fará possível através do engajamento do ser no mundo:

Ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir (Sartre, 1993, p. 20).

A mudança vem através da necessidade de agir, daí a conclusão de que o engajamento é a possibilidade de uma realidade transformadora, pois todo ser é engajado, apesar de não necessariamente ter consciência disso. A literatura existencialista que defende a situação do indivíduo como escolha livre, sem desculpas ou causalidade, evidencia que ele é o único responsável por agir de uma dada forma. Daqui precede o conceito de homem-em-situação¹.

¹ O conceito de subjetividade não é rigorosamente individual, pois não descubro apenas a mim mesmo, mas também todos os outros. Para que seja possível obter uma verdade sobre minha pessoa, é preciso

É nessa noção de liberdade no campo literário que se faz mais compreensível a relação que se estabelece entre o escritor e o leitor. O escritor sempre se fez e se fará em nome de um êxito maior, que é o leitor. É só com base na liberdade do leitor que o escritor cumpre sua função em fazer-se, pois “o escritor é um falador, e além de designar e demonstrar, ele ordena, recusa, interpela, suplica, persuade e insinua” (Sartre, 1973, p. 26). Para o filósofo e escritor francês, se o indivíduo tem o poder de agir livremente e não há qualquer valor genérico que sirva de guia para o caminhar da vida, compete a si mesmo construir os valores que de alguma forma possam realizar as orientações de suas escolhas.

Escrever, na filosofia sartreana, é desvendar o mundo e ao mesmo tempo propor uma tarefa ao leitor: a de exercer sua responsabilidade. A escrita e a obra literária só existem por conta dessa relação fundamental entre escritor e leitor. A partir do exercício da leitura, o leitor se torna cúmplice e ferramenta fundamental para o mundo da escrita, ele faz parte do ato constitutivo da narrativa, não é apenas uma contemplação. O exercício da leitura é um trabalho (no sentido marxista do termo). É por essa razão que se coloca o comprometimento do escritor com o mundo, comprometimento esse que trata do desvelar do ser, juntamente com suas responsabilidades. “A função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e se considerar inocente diante dele” (Sartre, 1973, p. 30).

Nessas condições, Sartre e sua literatura existencialista acredita e defende que não há um determinismo vindo de fora, como, por exemplo, o filósofo Émile Zola defende em uma obra publicada em 1880, intitulada *O romance experimental*, onde argumenta que há um ponto de causalidade no indivíduo e que muitas vezes ele provém do meio em que vive. Com isso, defende a ideia de que o ser é herói ou covarde porque nasceu em uma dessas condições.

Sartre, em contraposição, partindo do próprio argumento de Zola, diz em *O existencialismo é um Humanismo* (1973) que o indivíduo que é herói ou covarde é o único responsável por sua covardia ou heroísmo, pois ele se construiu dessa maneira

considerar o Outro, pois ele torna-se indispensável nesse exercício. Sartre nomeia isso de intersubjetividade: onde outro é e sempre será a condição da minha existência. “Assim descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são” (Sartre, 1973, p. 48). Ou seja, o Outro é indispensável na captação que tenho de meu próprio ser; por isso é inescapável, ou é um “inferno”, no sentido de que, invariavelmente, preciso dele, enquanto liberdade, para exercer a minha própria liberdade.

e não de outra, ele se fez assim por meios de suas ações, isto é, por meio da sua própria liberdade. O que a filosofia sartreana defende é que nós não nascemos covardes, nós nos fazemos dessa maneira uma vez que, quando há a definição do ser como uma escolha livre, sem qualquer desculpa, determinismo, causalidade ou auxílio, todos que se refugiam por trás desses pontos falsos são seres de má-fé.

O determinismo faz uma espécie de congelamento do ser em relação a sua essência, pois utilizando a premissa primordial do existencialismo, “a existência precede a essência” (Sartre, 1973, p. 25), os indivíduos, ao contrário do que Sartre elucida, já nasceriam com suas definições. Na percepção do filósofo francês, todos esses indivíduos, em primeiro momento, são lançados no mundo, jogados numa existência intrusiva na qual eles não receberam nenhum convite para atuar, e só depois desse lançamento que constroem suas essências. “Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida” (Sartre, 1973, p. 25).

É o que acontece com o próprio Antoine Roquentin, em *A Náusea* (1986), já que em cada ação de sua vida, ele se descobre existente no mundo, escolhendo a si mesmo e aos outros, pois quando escolhemos ser um tipo de indivíduo, acabamos também querendo que os outros sigam e nos tomem como espelho. O ser é e sempre será um *vir-a-ser*, isto é, será sempre uma construção contínua, um projeto de sua própria criação, ou seja, é o único capaz de conduzir sua vida. Com isso, entendemos que o ser sartreano é responsabilizado pela sua demanda de existir.

É preciso destacar algumas premissas do existencialismo para uma melhor compreensão de alguns conceitos já trabalhados. Primeiro, há dois tipos de existencialismo: o ateu e o cristão. O ateu, preconizado por Sartre, acredita que, com a não existência de Deus, não há possibilidade de existir uma natureza humana, até porque o único que poderia concedê-la seria esse ser superior. Ao contrário, no cristão, representado pelo filósofo dinamarquês Kierkegaard (2006), os seres possuem uma natureza humana, e isso se dá graças à existência de um ser superior e transcendente. A semelhança entre as duas doutrinas é que elas acreditam que os indivíduos primeiro existem no mundo e só depois vão em busca de suas definições.

No existencialismo ateu, o seu princípio primeiro é dizer que todos os seres nada mais são do que aquilo que eles fizeram de si mesmos, pois, junto com a não

existência de Deus, some toda e qualquer chance de encontrar valores num lugar inteligível. “Dostoiévski escrevera: se Deus não existe, tudo seria permitido. É este o ponto de partida do existencialismo” (Sartre, 1973, p. 32). É por essa razão que se entende que fomos colocados em um plano onde só existem seres humanos. Todos, assim, estão desamparados porque não encontram nem em si mesmos e nem fora de si algo para se agarrar e, por conta disso, estão igualmente limitados pelas condições de ser-no-mundo. Porém, mesmo assim, é através desse desespero que podem realizar suas escolhas.

O existencialista não pensará tampouco que o homem pode encontrar auxílio em algum sinal na terra que o oriente, pois considera que o homem é quem se decifra, ele mesmo, o sinal como melhor ele aparece. Assim pensa que o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o próprio homem (Sartre, 1973, p. 16).

Tomando a ideia de engajamento e os conceitos fundamentais da filosofia existencialista, enfatizaremos as diferenças entre as artes, a fim de apontar a prosa como a arte mais engajada a partir da obra *Que é a literatura?* (1993). Entretanto, é possível falarmos também sobre arte significativa e não significativa. Nesse caso, a pintura, tal como a poesia, a escultura e a música estão na segunda categoria de arte, e a literatura, por lidar com signos, seria verdadeiramente significativa.

O significado da pintura, por exemplo, não é nada mais que a própria pintura. “Não se pintam significados, não se transformam significados em músicas; sendo assim, quem ousaria exigir de um pintor ou do músico que se engajem? O escritor, ao contrário, lida com significados” (Sartre, 1993, p. 18). A única coisa que há em comum entre a literatura e todas as outras artes é simplesmente o fato de fazer uso do imaginário, mas a diferença se fixa exatamente em a literatura não se reduzir a esse imaginário, como todas as outras artes acabam fazendo. Para esclarecer melhor essa diferença, pegaremos como exemplo o caso da poesia. O poeta vê as palavras como coisas, assim como acontece com os pintores, músicos e escultores. O material no qual eles trabalham é a coisa, por isso, são chamados de não significantes: são artes que não se encaminham para um significado.

Tendo a escrita adotado como universo os significados, a postura do poeta é bem diferente da postura do prosador, apesar de ambos utilizarem a escrita: “[...] o poeta se afastou por completo da linguagem-instrumento; escolheu de uma vez por

todas a atitude poética que considera as palavras como coisas e não como signos” (Sartre, 1993, p. 19). É apenas o prosador que utiliza a linguagem como um instrumento, pois não desfruta dela como coisa ou para parecer belas as cores e os sons. “À medida que expõe sentimentos, o prosador os esclarece; o poeta, ao contrário, quando vaza suas paixões em seu poema, deixa de reconhecê-las” (Sartre, 1993, p. 23). Diferentemente do poeta que não ambiciona a comunicação, mas sim as belezas, a prosa é engajada através da sua comunicação com os leitores, como Thana Mara de Souza expressa:

O prosador, porque nomeia, age: sua prosa é ação, é uma certa atividade; nomeando um objeto, uma parte do mundo, não o refletimos simplesmente, nós o alteramos, isto é, nós agimos. Portanto, desvelar uma situação é também construí-la. Daí simplesmente porque a prosa não é neutra, nem pura contemplação: as palavras são “pistolas carregadas”; quando fala, o prosador atira. [...] Sartre observa o prosador: desde que escreves, já estás engajado (Souza, 2008, p. 14).

Cabe ressaltar que Sartre não faz uma tentativa de desprestigiar essas artes em relação à prosa, como se a literatura fosse superior às demais ou que elas não são engajadas, mas elucida que há uma diferença delas com a literatura. A prosa, ao contrário das outras artes, tem por essência a utilidade, e sua finalidade não é apenas contemplativa. É necessário ter o compromisso de assumir essa escrita engajada e, a partir dela, se possível, desvelar o mundo. Ela é engajada e significativa porque as palavras que são utilizadas são signos, ou seja, sempre são designações de ações.

Há uma responsabilidade que o próprio escritor assume quando escolhe a arte significativa. É ele quem expressa o irrefletido no plano da reflexão. O engajamento posto anteriormente vem dessa linha, pois não há nenhuma possibilidade de a prosa ser imparcial ou neutra: ela sempre dirige o ser para sua própria realidade. Engajamento, nesse sentido, consiste no desvendamento e, como já foi dito, não se limita ao plano político. É ele que advém da prosa e ela é utilizada pelo escritor para buscar no leitor uma consciência de sua situação existencial.

Recuperar este mundo, mostrando-o tal como ele é, mas como se tivesse origem na liberdade humana. O escritor decide apelar para a liberdade dos outros homens para que, através das implicações recíprocas das suas exigências, eles reapropriem a totalidade do ser para o homem e fechem a humanidade sobre o universo (Sartre, 1997, p. 47).

Com todos esses seguimentos da filosofia de Sartre, percebemos que as duas narrativas (filosófica e literária), tendo sua relação de importância com o engajamento do escritor e do leitor, da consciência de sua conjuntura, da condição de liberdade e da responsabilidade com o mundo para que seja possível ocorrer o desvelamento, são tentativas de apreender a totalidade do ser e do mundo através do encontro entre os dois campos. A relação entre a filosofia e o plano literário estabelecido por Sartre nos leva a dimensão real do existir.

É por meio dos dois campos que conseguimos interpretar nossa própria realidade, tanto histórica, quanto cotidiana, tendo sua correlação com a ética. Isso significa dizer que é fazendo uso dessa compreensão que o leitor realiza sua função no mundo prático, especialmente quando toma consciência de sua situação após efetuar o exercício da reflexão e da análise.

Considerações Finais

A pesquisa que desenvolvemos buscou tratar da relação entre filosofia e o plano literário em Sartre. A partir de todo o percurso teórico apresentado, observa-se a construção do encontro entre a narrativa filosófica e a literária. Tratamos sobre o contexto histórico da relação entre os dois campos independentes. Assim, compreendendo a motivação de Sartre de construir através da filosofia uma literatura, chegamos à conclusão que é realizando a junção entre essas duas narrativas que temos um maior e melhor entendimento sobre as atividades humanas. Apresentamos, então, antes de chegar a esse desfecho, a percepção separada do filósofo entre as duas formas de conhecimento.

Compreendemos que realizar o encontro entre filosofia e literatura nos permite despertar a consciência entre indivíduo e mundo. Sartre sente a necessidade de dar conta da existência humana em sua totalidade, e isso só se realiza quando estabelecido o encontro entre as duas formas de expressão.

Referências

KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LEOPOLDO E SILVA, F. **Ética e literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SARTRE, J.-P. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Coleção Grandes Romances).

SARTRE, J.-P. **As palavras**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

SARTRE, J.-P. **O Existencialismo é um Humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SARTRE, J.-P. **Que é a literatura?** Rio de Janeiro: Editora Ática. 1993.

SARTRE, J.-P. **Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2005.

SOUZA, T. M. **Sartre e a literatura engajada**: espelho crítico e consciência infeliz. São Paulo: Udsp. 2008.

ZOLA, E. **O romance experimental**. Tradução de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

Recebido em: 18/02/2025
Aprovado em: 15/05/2025